

BENILDE OU A VIRGEM-MÃE

Drama em 3 actos de JOSÉ RÉGIO. Publicado em 1947 e incluído na antologia «Teatro Português, do Romantismo aos Nossos Dias» (1960).

Estreado no Teatro Nacional D. Maria II em 25 de Novembro de 1947. Adaptada ao cinema por Manoel de Oliveira em 1975.

[...]

Três cenas: uma cozinha num velho solar alentejano /1.º acto); um quarto (2.º acto) e um salão (3.º acto) no mesmo solar. A acção «pode supor-se passada em qualquer solidão do vasto Alentejo».

Na velha casa de Melo Campos, perdida «no vasto Alentejo», a criada Genoveva transmite ao Padre Cristóvão e ao Dr. Fabrício a inconcebível suspeita de que Benilde, filha do dono da casa, está grávida. O ambiente sinistro, marcado pelo isolamento e pela memória da mãe de Benilde, que morreu louca, surge sublinhado ainda pelos gritos alucinados de um vagabundo que ronda a casa. O exame médico confirma as desconfianças da vela criada: Benilde, que herdou a sensibilidade extrema da mãe e sofre de crises de sonambulismo, não nega o seu estado, mas atribui-o a um desígnio de Deus, que assim a quis provar. Etelvina, tia de Benilde, procura arrancar-lhe o segredo da situação. No decorrer de uma conversa, Benilde reafirma a sua pureza e insiste no mistério sagrado daquela «grande provação». Os gritos do vagabundo provocam-lhe uma espécie de transe, durante o qual se diz chamado pelo «enviado do Senhor», o que levanta novas suspeitas em Etelvina, que se nega a aceitar qualquer explicação sobrenatural. Eduardo, filho de Etelvina, noivo de Benilde, reafirma o seu propósito de casar com a jovem. Ela própria o põe ao corrente da situação, mas Eduardo, passado o choque inicial, propõe-se mesmo assim celebrar, quanto antes, o casamento. Eduardo acusa-se perante Melo Campos de ter violado Benilde, durante uma crise de sonambulismo desta. Benilde recusa mais uma vez qualquer explicação ou solução naturais, e descreve a visão e as vozes do «Anjo do Senhor». Vindo como do além, vibra novamente o grito do vagabundo, porém só Benilde dá mostras de o ouvir. Num sacrifício extremo, Eduardo propõe-se viver a seu lado como irmão. Mesmo isso, Benilde, moribunda, recusa: «cumprindo (...) o grande milagre do Senhor, (...) sempre soube que não sobreviveria. Acabaram-se as aparências desta vida».

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, pp. 154-155.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.